

O pacote ecológico e os cafeicultores de Lerroville-PR
The ecologic packet and the Lerroville-PR coffee growers

PACIFICO, Daniela – PGDR-UFRGS, danisociais@yahoo.com.br ; DAL SOGLIO, Fábio Kessler – PGDR-UFRGS, fabiods@ufrgs.br

Resumo: A transição agroecológica necessita de uma mudança de abordagem na promoção de modelos mais sustentáveis de agricultura. Entretanto, em muitos projetos observa-se que em parte estes estão baseados em uma dependência de pacotes tecnológicos, muito embora “orgânicos”, em uma simples substituição de insumos. Este trabalho é baseado em um estudo, ainda preliminar, de um caso mal sucedido de conversão para a produção orgânica de café: o projeto café de Lerroville. Formula-se para orientar o estudo, a seguinte questão: Nesse projeto a perspectiva de conversão não teria sido meramente a de substituição de pacote tecnológico? Por meio de entrevistas e de observação etnográfica, verificou-se que foi dada pouca atenção ao conhecimento e às necessidades locais, O processo foi principalmente orientado ao mercado e a metodologia participativa utilizada não considerou o tempo e a perspectiva local: focados na certificação orgânica e na exportação do café para a França, os agentes de desenvolvimento envolvidos não observaram as necessidades de cada agricultor, causando prejuízos às famílias e o fracasso do projeto.

Palavras-chave: Agricultura orgânica; processo de transição; pacote tecnológico.

Abstract: The agroecological transition needs a change of approach in the promotion of more sustainable models of agriculture. However, in many projects it has been observed that they are based on a dependence of technological packages, even on organic ones, which are in fact simple input substitution. This work is based on a study, still preliminary, of a unsuccessful case of conversion for organic coffee production: the Lerroville Coffee Project. In order to guide the study formulated the following question: Was not the project based only on a technological package substitution? Using interviews and ethnographic observation, it was observed that very little consideration was given to local knowledge and to the communities needs. The process was mostly market oriented and that the participatory methodology used did not respected the local timing and perspective: focusing on the organic certification and coffee exportation to France, the development agents did not observed the necessities of each farmer, causing damages to the families and the failure of the project.

Key words: Agriculture organic; transition process; technological packages.

Introdução

A busca da transição agroecológica é meta positiva em muitos projetos, mas a conversão de práticas convencionais para formas mais sustentáveis de agricultura depende de uma mudança paradigmática e metodológica. O novo Desenvolvimento Rural, segundo VAN DER PLOEG (2003), deve abandonar a perspectiva orientada ao mercado e as metodologias diretivas utilizadas na “industrialização” (ou “modernização”) da agricultura brasileira, baseadas na disseminação de pacotes tecnológicos, passa a adotar políticas e práticas orientadas para e pelas comunidades locais. Em uma perspectiva agroecológica, o processo de conversão não pode ser

baseado em nichos de mercado, nem na adoção de pacotes tecnológicos voltados à agricultura orgânica. Neste trabalho, por meio de entrevistas e de observações etnográficas, procurou-se apontar algumas causas do fracasso do Projeto Café de Lerroville, que criou uma Cooperativa de Café Orgânico para exportação e que, após três anos, teve seus objetivos frustrados com a maioria dos agricultores retornando à produção convencional.

Lerroville é um distrito de Londrina, no norte do Paraná, com 4.704 habitantes, dos quais 3.018 vivem na zona rural. Caracterizado pela cafeicultura intensiva, nas décadas de 50 e 60, a predominância de agricultores familiares tem no café sua principal fonte de renda. Estes cafeicultores são encontrados, em maior número, nos bairros Água da Laranja Azeda, Água da Limeira e Água da Sede, locais onde realizou-se a pesquisa de campo.

Em 2003, o projeto café de Lerroville teve início com a criação da COASOL – Cooperativa Agroindustrial Solidária de Lerroville, objetivando o desenvolvimento local e geração de renda. Centrou-se na criação de uma mini-torrefadora e na comercialização do café para a rede solidária de comércio justo com a cidade de Saint-Etienne, França. A COASOL foi formada por 37 agricultores - orientados pela EMATER-PR e pelo Instituto Maytenus de desenvolvimento da agricultura sustentável - que submeteram seus cafezais à uma transição orgânica do sistema de produção. O Instituto Maytenus é uma OSCIP que desenvolve um método de trabalho com as comunidades (método Mandala), composto por uma seqüência de 22 atividades realizadas em um período de três anos.

Agricultura orgânica como estilo de agricultura

O processo de transição para a agricultura orgânica, ou para qualquer outro estilo de agricultura ecológica, é lento e gradual. O tempo de adaptação tanto dos agricultores como da natureza é um tempo que não deveria seguir regras. CAPORAL e COSTABEBER afirmam que há três níveis no processo de transição:

O primeiro diz respeito ao incremento da eficiência das práticas convencionais para reduzir o uso e consumo de inputs externos caros, escassos e daninhos ao meio ambiente [...] o segundo nível da transição se refere à substituição de inputs e práticas convencionais por práticas alternativas [...] e o terceiro e mais complexo nível da transição é representado pelo redesenho dos agroecossistemas, para que estes funcionem em base a um novo conjunto de processos ecológicos (2002:2).

No projeto café de Lerroville, a substituição de insumos químicos por insumos orgânicos foi dura, não possibilitando a adaptação do sistema, como um todo, incluindo os próprios agricultores, às novas práticas. Ao decidirem submeter seus cafezais à transição orgânica, os agricultores foram orientados para deixarem de aplicar adubos e agrotóxicos nos solos empobrecidos, descobertos, desgastados e acostumados às aplicações de nutrientes sintéticos. Isso, nos primeiros anos de transição, provocou uma quebra de produção, que embora esperada, não foi compensada por uma prometida diferença de preços, pois ainda não podiam certificar os produtos como orgânicos.

“Acho que se tivéssemos começado aos poucos tinha ido pra frente o orgânico, mas falaram que tinha que ser o sítio todo e três anos para virar orgânico” (Entrevista número 3).

“Desde o começo eu sabia que não ia dar certo. A planta é como a gente, a mesma coisa. Se a gente que é acostumado a comer muito, a comer carne, se de um dia para o outro começamos a comer menos, ou a comer só verduras vamos sentir uma fraqueza, vamos ficar triste e não vamos ter vontade de trabalhar, né? Tudo tem que ser aos poucos, com a planta também” (Entrevista número 4).

Segundo SEVILLA GUZMÁN (2000), os agricultores estão cada vez mais dependentes dos pacotes tecnológicos, e perdem paulatinamente a prática de lerem a natureza. Isso de fato pode ser observado, quando agricultores esperam dos técnicos um “novo pacote”. Falta aos agricultores a confiança em seus conhecimentos. Em muitas das entrevistas ficou claro que os agricultores percebiam que uma mudança abrupta no sistema poderia causar problemas de produtividade, e comprometeria a única fonte de renda das famílias. No entanto, disse um agricultor: *“Tinha tanta gente com a gente. Era a EMATER, o IAPAR, a Secretaria da agricultura. Fizemos curso com o agrônomo de um Instituto, que foi quem deu assistência na época do orgânico. Achei que não fosse dá errado”* (Entrevista número 5). Isso mostra a confiança dos agricultores nas instituições parceiras do projeto e a influência destas instituições na legitimação do conhecimento dito “verdadeiro”.

A substituição de insumos também requereu recursos de investimento. De acordo com os agricultores: *“Nós compramos um pó de rocha que falavam que vinha de Israel. O coronel, [coordenador da cooperativa], mandava vir humorgan de longe para por no café”* (Entrevista número 7). Isso demonstra a falta de autonomia do novo sistema de produção, desconsiderando princípios para a sustentabilidade de um sistema ecológico. Descapitalizados, os cafeicultores não investiram na substituição de insumos, nem houve um esforço de adaptação das tecnologias da agricultura orgânica às

condições e necessidades de cada agricultor. Essas escolhas acentuaram o grau de desigualdade entre eles e redundaram no fracasso da experiência.

Os cafezais que receberam aplicações dos insumos orgânicos externos reagiram melhor que os que não receberam fertilização. Porém, a capacidade de investimento de alguns agricultores fomentou nos outros um sentimento de não pertencimento ao grupo e as desistências no projeto começaram a ocorrer. A experiência de três anos foi insuficiente para levar a transição do sistema convencional para o orgânico, e para que os cafeicultores passassem a se preocupar com as questões ecológicas e gerassem soluções para os problemas que surgiram. Nenhuma venda na de comércio justo foi realizada, pois o que foi produzido já estava comprometido para o pagamento das dívidas contraídas durante o processo.

Considerações

A agricultura orgânica, como estilo de agricultura, está imersa numa lógica diferenciada e tem princípios e metas que podem ser diferentes dos princípios agroecológicos. Dessa forma, o estilo de agricultura que não leva em conta princípios básicos como as relações sociais, culturais e econômicas de um grupo ou de uma comunidade está sujeito a cometer equívocos ao retomar a lógica difusionista, apenas orientada ao mercado da agricultura convencional.

No caso de Lerroville, houve o incentivo de substituição de pacotes tecnológicos onde todos os insumos tinham que ser comprados, e pouca atenção foi dada ao conhecimento e a realidade local, assim como, ao desenvolvimento de tecnologias apropriadas. Ainda assim, verificou-se que alguns agricultores buscaram adaptar o novo pacote as suas condições de investimento com as despesas de implantação do sistema. Com receitas incompatíveis, solos pobres em matéria orgânica e plantas com baixa resistência às pragas e doenças, a queda de produtividade foi drástica, a renda familiar dos agricultores caiu, não satisfazendo as necessidades básicas das famílias. Conforme diz agricultora: *“Foi uma época de muita dificuldade a época do orgânico. Chegamos a passar necessidades aqui em casa. O café não produzia e a gente não fazia dinheiro”* (Entrevista número 2). Dessa maneira, em Lerroville não houve uma transição agroecológica, mas a simples substituição de insumos, com prejuízos das famílias dos agricultores e retrocesso no processo de transição agroecológica local.

Referências

CAPORAL, F. R. E COSTABEBER, J. A. Análise Multidimensional da Sustentabilidade: uma proposta metodológica a partir da Agroecologia. Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v.3, n.3, Jul/Set 2002.

GUZMÁN, S. Extensão rural inicia transição agroecológica. Revista Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável. Porto Alegre, v.1, n.1, jan./mar. 2000.

VAN DER PLOEG, J. D. The virtual farmer. Wageningen: Royal Van Gorcum, 2003.